

DIALÉTICA NEGATIVA E TEORIA ESTÉTICA: TEORIA NEGATIVA, DIALÉTICA ESTÉTICA, ESTÉTICA DIALÉTICA?

Márcia Tiburi*

SÍNTESE – Tentar-se-á neste texto deslindar a relação existente entre a "Dialética Negativa" e a "Teoria Estética" no interior do pensamento de T. W. Adorno, verificando a possibilidade de intersecção entre ambos os textos e propostas filosóficas. A pretensão é descobrir em que sentido e até que ponto uma pode ser compreendida a partir da outra.

ABSTRACT – This text try to clear up the relation between the "Negative Dialectic" and the "Aesthetic Theory" in the Adorno's Thought, looking at the possibility of their intersection. The larger intension is discover how one can be understood from the another.

Inóspita pergunta à filosofia adorniana: haverá alguma relação sistemática entre *Dialética Negativa* e *Teoria Estética* no interior da filosofia de Adorno enquanto totalidade? Para compreender o sentido desta pergunta é necessário principiar por entender qual o sentido da palavra sistemático no contexto adorniano, e deve-se ainda responder a um problema interno à questão posta: pode-se falar de uma filosofia adorniana enquanto todo? Levando isto em conta, não serão a Dialética Negativa e a Teoria Estética duas propostas evidentemente dissociadas; afinal em que se constituem? Teria, pois, cabimento tentar ler uma a partir da outra? Não seria isto a promoção de uma síntese provocadora de engulhos aos adornianos cadastrados? Perseguindo-se estas questões pretende-se encontrar respostas à pergunta-mor que norteia esta investigação.

Sabe-se que Adorno – correspondendo a um propósito nietzscheano¹ – escreveu contra o tradicional sistema, em outras palavras, contra toda forma de pensa-

* Mestre em Filosofia (PUCRS), doutoranda em Filosofia (UFRGS).

¹ A obra de Nietzsche, no que se refere à forma de sua exposição aos temas abordados, apresentada de maneira intempestiva, aforismática, fragmentária, por vezes caótica. Soa quase como um desespero da linguagem ou uma sua afronta ao que seria tido como correto a ser feito neste âmbito. No interior da História da Filosofia parece ser Nietzsche quem, sem rodeios, estabelece a ruptura e a crítica letal à tradição através do questionamento ostensivo das categorias e métodos utilizados pela razão para manter sua hegemonia. Neste sentido, Nietzsche critica o modo não só como a História da Filosofia é construída mas como os próprios assim chamados filósofos desenvolvem seu pensar, como formam seus conceitos, e acaba por levar ao questionamento do próprio conceito, da própria

mento e exposição de idéias com pretensão de validade absoluta que insinuasse onipotência conceitual em relação à esfera empírica ou o contrário; e que refletisse em sua forma de exposição esta espécie de conteúdo. Por isso, Adorno foi aforismático, elíptico, malabarístico, paratático, beirou o poético-menos-lírico, caiu na contradição, agarrou-se a ela como redenção: o não idêntico era o messias filosófico. Tudo para escapar ao abismo do sistema, capaz de engolir desde a formulação mais simplória e informal do pensamento, passando pela materialidade mais refrataria, até a concretude mais universal ou a metafísica mais abstrata. Abismo que sorveu a genialidade hegeliana, foco importante das críticas adornianas.

No vão de uma tradição que teve no sistema a panacéia e o acalento para o quase-drama do conhecimento, um pensar como o adorniano sofre anátema. Adorno seria rebaixado ao purgatório dos niilistas por seus intérpretes menos sutis caso não fossem explícitas certas de suas formulações mais intragáveis àqueles que gostariam que a imediatidade de uma leitura superficial prevalecesse, provando quão sem cabimento eram as hipóteses adornianas. Adorno era um assistemático por excelência – réprobo por consequência – tão assistemático que não parou na mera assistematicidade, tornou-se tão radicalmente assistemático que chegou ao seu oposto, viu os dois lados da moeda, as várias faces da lua, não ficou louco como Nietzsche, sua loucura foi de outra natureza. Tornou-se mais sistemático que os sistemáticos habituais ao distinguir, veja-se: (com um enciclopedista – quem diria?) as noções de espírito de sistema (*esprit de système*) e espírito sistemático (*esprit systématique*)² e, neste extremo, instalou sua genuína coerência. Com Adorno, o sistema e a sistematicidade apareceram como ambíguos; doravante não mais se mostraria apenas uma face da realidade. Ele desvendou a sistematicidade dos sistemáticos em sua mais inglória faceta: a ditadura da identidade, questão das mais recorrentes, senão o próprio pano de fundo de sua filosofia.³ Em outras palavras, a neurose obsessiva do pensamento ocidental, doença da consciência quase sem cura, consciência que não teria um outro, associada ao espírito absoluto, à razão onipotente.

Adorno, para um maior desconcerto, é sistemático enquanto não escreve apenas com o inconsciente, pelo menos ao modo surrealista ou dadaísta, embora às vezes pareça. É sistemático enquanto faz uma filosofia preocupada com suas consequências, enquanto busca a verdade desvendando aspectos escondidos da realidade – boa e bela utopia – enquanto espera ver na aparência a lógica da ilogicidade e o oposto, a "irrazão" da razão. Faz um sistema na medida em que uma conste-

Lógica e, por conseguinte, do sistema mesmo. Sobre isto ver principalmente "Para além de bem e mal" e "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral" em diversas edições que não cabe enumerar aqui, e além disso ver "O louco, Nietzsche e a mania da razão", de Christoph Türcke. SP: Vozes, 1993. Sobre a influência de Nietzsche no pensamento adorniano ver DUARTE, RODRIGO A. Paiva. "Seis nomes, um só Adorno". In: *Artepensamento*. Org. Adauto Novaes. SP: Cia. das Letras, 1994.

² ADORNO, T. W. *Negative Dialektik*. Frankfurt (M): Suhrkamp, 1982, p. 35.

³ De maneira explícita ou implícita esta temática aparece na maior parte dos textos de Adorno. Na *Dialética Negativa* encontra-se uma exposição mais enfática da questão mormente no parágrafo intitulado "Dialektik kein Standpunkt", *op. cit.*, p. 18 e 19.

lação é um sistema aberto, uma colcha de retalhos, um mosaico, como em Walter Benjamin.⁴ Um sistema das idéias que se aproximam por afinidade, sem imposição, que vão se agrupando soltas e podem se desagrupar. Sua filosofia é um todo, ela também tem um não-verdadeiro dentro de si (se a perspectiva tradicional entra em cena considerará as aporias presentes na filosofia de Adorno como meras contradições) que torna possível a compreensão da verdade que ela quer expor, pois é impossível sustentar a verdade que apareça pela metade.

Neste íterim impõe-se a questão do racionalismo, do sistematismo, do pensar ocidental: o que fazer com toda esta flexibilidade, com toda esta abertura, até que ponto isto não se torna vago e improficuo e, mesmo, fácil? Ora, olhar tudo por todos os lados possíveis – à maneira cubista –, extinguindo suas determinações seguras, não é cair no absurdo, aristotelicamente falando? Não é abandonar os problemas a sua eliminação poética? Adorno responderia um sim que mais uma vez o remeteria ao lugar dos excomungados da Filosofia, e um não que promete a reconciliação do aceitável com o inaceitável, do racional com o não-racional. Mesmo assim esta perspectiva soa um tanto quanto desimportada com sua condição ocidental. Por que fresta descobrir-lhe o rigor? Por que filtro conhecer-lhe a coerência? É justamente isto que é difícil ao pensamento tradicional aceitar: que tanto o sim quanto o não oferecidos como resposta têm seu conteúdo de verdade.

A dialética de Adorno, indo mais fundamente no sem fundo da existência humana e inumana, acaba tornando viável a conclusão de que mesmo a categoria filosófica mais sublime tem seu lado vulgar, inferior, falso. Se não se pensar assim jamais se poderá compreender realmente a Filosofia ou o que, não sendo filosofia, lhe serve de matéria-prima. É preciso que cada elemento dentro de uma relação dialética tenha tanto peso quanto seu outro, que não haja hierarquia, e que, considerando a situação atual da Filosofia, se promovam, por vezes, revoltas, revoluções escandalosas, que se dê primazia ao objeto, que se fale de não-identidade e utopia,⁵ que não se diga diretamente o que deve ser dito, para que possa ser descoberto e não mais infinitamente ocultado. É disso que a Filosofia vive. É isso só não é uma banalidade na medida em que ela não conseguiria mais procurar ou encontrar a verdade de outra forma, por outra via. Se o pensamento se acostumou a conhecer apenas o que está evidentemente exposto e este método não foi mais capaz de auxiliar no alcance de uma verdade mais radical, a saída agora é buscar, pela via negativa, a verdade ocultada e mostrá-la sob o signo da forma da aparência, que tanto dirá sobre o que é chamado conteúdo – como Adorno diria – sedimentado na forma.⁶ Assim, a filosofia alcança sua liberdade enquanto forma de pensar

⁴ W. BENJAMIN, em *Origem do Drama Barroco Alemão*, expõe o sentido do sistema filosófico e alternativa a ele: a forma filosófica. Segundo ele, "se a filosofia quiser permanecer fiel à lei de sua forma, como representação da verdade e não como guia para o conhecimento, deve-se atribuir importância ao exercício dessa forma e não à sua antecipação, como sistema" (p. 50). Benjamin quer fazer ver a morada da verdade, para além da demonstração matemática dada no sistema, na recuperação do tratado medieval, lá onde "o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minuciosamente, às próprias coisas" (p. 50). O tratado e o mosaico, pela justaposição de elementos isolados e heterogêneos, promovem uma outra forma de alcance e exposição da verdade.

⁵ ADORNO, T. W. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt (M): Suhrkamp, 1973. Sobre Utopia ver p. 203-204.

⁶ ADORNO, T. W. *op. cit.*, p. 217.

que não pode existir em uma só direção, e promove a liberdade do que não é filosofia.

Em conformidade com os pensamentos de Adorno é possível ser-se sistemático sem construir um sistema, aliás, para ele o único sistema válido é este que escapa ao sistema enquanto hegemonia do pensamento. Se, por um lado, se constrói um sistema de modo sistemático, por outro, constrói-se um anti-sistema assistemático que, contudo, pode ser visto em sua lógica lógica *sui generis* não determinada a partir de fora. A construção assistemática é a idéia difícil de "engolir" neste momento, mas justamente ela faz parte dos pares de opostos que Adorno ousa relacionar; por vezes é preciso como que tentar outra forma de percepção, não meramente discursiva para penetrar-lhes o conteúdo e o sentido, quicá a afinidade sensível, mimética, a experiência estética de seus textos.

Neste caminho, enquanto se leva em conta que algo pode ser e não ser ao mesmo tempo, é preciso distinguir o rigor e a rigidez,⁷ a fúria pela catalogação das idéias e sua clarificação, a constelação sistemática e a estrutura sistematizante anti-dialética. Adorno chegou, dentro desta proposta, aparentemente tão incongruente, a conceber numa categoria anti-categorial para dar conta do que não pode ser conhecido, do que é negação radical: o não-idêntico. Se a filosofia neuroticamente fixou-se na identidade, de modo alquímico Adorno aparece com o oposto, como que para fazer ver a outra margem da realidade, por que é preciso desvendar o mistério da conjunção (e disjunção) dos opostos, tanto no pensamento, como fez Hegel, quanto na empiria, como ainda não ocorreu. E é esta a grande reclamação de Adorno. Por isso não cessará em sua filosofia a ênfase na idéia de utopia, de promessa de felicidade (*promesse du bonheur*),⁸ que tanto a arte como a dialética – a adorniana – levarão a cabo.

Já que a síntese, a reconciliação, ainda não ocorreu, persiste a dialética, segundo Adorno.⁹ Se a razão presente na dialética não realizou o seu dever, a arte se torna o elemento central de uma dialética que não mais comporta apenas a razão, não sendo determinada pelo absolutismo desta. Ela funciona ao modo de um espírito; o sopro que move agora a dialética que, enquanto negativa, é inaceitável pela razão tradicional. Esta dialética é negativa justamente porque não participa dos modelos pressupostos de entendimento e explicação do mundo dados na razão tradicional. A dialética negativa é aberta, ou seja, a síntese obrigatória da dialética hegeliana previamente estabelecida não está estipulada na dialética negativa. O mesmo ocorre com o seu oposto: a falta de síntese não está previamente estabelecida. Se na dialética hegeliana é preciso fazer uma pressuposição de tudo para iniciar o sistema e posteriormente distinguir aspectos – invalidando o princípio de não-contradição aristotélico –, para demonstrar o movimento dialético no interior do sistema torna-se claro que a síntese desde sempre estava posta, apenas era necessária uma intervenção da razão, do raciocínio ou da lógica para mostrar aquela

⁷ A este propósito ver o parágrafo "Widerspruchlosigkeit nicht hypotasierbar" em *Negative Dialektik*, p. 144.

⁸ Sobre "Promessa de Felicidade" ver *Ästhetische Theorie*, p. 204-205.

⁹ ADORNO, T. W. *Negative Dialektik*, p. 22. "Angesichts der konkreten Möglichkeit von Utopie ist Dialektik die Ontologie des falschen Zustandes. Von ihr wäre ein richtiger befreit, System so wenig wie Widerspruch."

verdade ainda não evidente, mas pronta a emergir. A indistinção dos aspectos funcionava como uma espécie de síntese *a priori* constituída, mas ainda invisível a olho nu, sem a atuação do intelecto. A indistinção era o caos onde todos os gatos eram pardos, assim como na síntese. As coisas não permanecem o que eram porque algo lhes é acrescentado; o processo é um guardar e superar. Já na dialética negativa a questão central é a convivência com a contradição fazendo parte da natureza das coisas e do pensar sobre elas. A ênfase não reside mais no que é guardado e superado, e sim na consideração do que foi perdido. Neste sentido modifica-se o significado da própria negação determinada, da qual depende a dialética tanto em Hegel quanto em Adorno. Em Hegel, ela é superação e guarda do que era anteriormente contradição, em Adorno, ela é superação, guarda e também perda verificável no processo histórico, na natureza. Perda da própria capacidade de vislumbrar a totalidade inalcançável. A partir da noção da perda torna-se impossível a pressuposição de todas as coisas, como ocorre na dialética hegeliana, que permite a posterior distinção de aspectos no seio desta totalidade, não basta mais distinguir aspectos desde sempre prontos, à espera desta distinção. Enquanto processo conceitual, a distinção não é extensiva a todos os aspectos, existem contradições e identidades que não podem ser tocadas e coisas que quicá possam ser assim nomeadas. A realidade já não espera pelo intelecto. Dialética se torna mais que processo mental, nela também existe algo que a razão não alcança.

É possível que esta capacidade de negatividade da dialética tenha sido alcançada com base na relação dialética com a arte. Como se a razão, ao ter um *insight*, se tornasse capaz de ir mais longe em seu processo de compreensão e acesso às coisas. Este *insight* é provocado pelo choque da experiência com a arte moderna que se coloca como intangível frente à razão tradicional. A dialética de tradição hegeliana enquanto manifestação mais especializada do pensar ocidental, cujo método é a razão, vê-se obrigada a questionar a razão que age em seu interior, que a coordena. Poder-se-ia dizer agora que a Dialética Negativa é uma dialética que sofre a experiência da arte, do outro da razão, do mito que a arte presentifica. Por isso, de certo modo, ela incita a formulação de uma teoria estética – um passo adiante em relação à dialética negativa –, o que não indica, no entanto, uma superação, mas sim o estabelecimento de uma outra relação dialética entre elas, relação de tensão produtiva. De certo modo, encontra-se um elemento estético na dialética negativa funcionando como o elemento próprio da negatividade. A dialética aproximou-se da estética: acontece como teoria estética, em outras palavras, é a estética funcionando como dialética.

No rol das questões polêmicas/libertárias (libertação com a qual se confunde o próprio filosofar adorniano) aparece a arte como conceitual¹⁰ na *Teoria Estética* após Adorno ter mostrado que a arte existia fora do âmbito do conceito, sendo inabarcável ao conceito. Se na *Dialética Negativa* a questão central é a tematização do conceito de modo direto para compreendê-lo em sua verdade ou falsidade, na *Teoria Estética* a questão é a tematização através do conceitual daquilo que é não tematizável, *aconceitual* – embora, às vezes, este *aconceitual* seja tratado também de

¹⁰ ADORNO, T. W. *Ästhetische Theorie*, p. 114. "Denn in Kunst wird das Entgleitende objektiviert und zur Dauer zitiert: insofern ist sie Begriff, nur nicht wie in der diskursiven Logik."

maneira *aconceitual*. Certamente isto constitui uma aporia. Aporia com sentido, porém, na medida em que a forma da tematização não ocorre no sentido tradicional do conceitual; se Adorno sugere que a arte é conceitual, está sugerindo, simultaneamente, que o conceito – que a arte é – qualitativamente é outro, não podendo ser conceito no sentido tradicional. Talvez conceito afim ao sentido de Nietzsche, conceito como arte.¹¹ Há, portanto, em Adorno, uma transmutação do sentido do próprio conceito. O conceito perde a rigidez que lhe foi outorgada pela tradição sem perder o rigor, ultrapassa a mera dedução fria e lógica, assume figuras de linguagem, ampliando o horizonte desta mesma linguagem que, enquanto meramente científica, reduz a possibilidade do dizer, da exposição das idéias. Esta transmutação ocorre no interior já da Dialética Negativa e é cristalizada na Teoria Estética. A Teoria Estética é um exercício do que Adorno quase sistematizou como sendo Dialética Negativa e vice-versa, a experiência de uma completa a pretensão de validade da outra. Como ele mesmo afirma "a utopia do conhecimento seria penetrar com conceitos o que não é conceitual sem adaptar este àqueles."¹² Mas a aporia não é destituída sem mais. A intangibilidade de certos conteúdos permanece e é preciso conviver com tal dificuldade que reflete a realidade, eliminá-la é impossível. Existe, contudo, a possibilidade de solução de toda aporia que deve estar sempre em vista mantendo a promessa, a esperança de felicidade e reconciliação.

A relação entre razão e arte, entre filosofia e arte, entre dialética e estética se expõe na justaposição de ambas as obras em questão. Penetrando-lhes o conteúdo e a forma verifica-se uma estreita relação entre o que é uma teoria com o adjetivo de estética, enquanto método, e uma dialética cujo adjetivo é o negativo. O estético, enquanto modo de ver e pensar é, dentro do horizonte da tradição, algo sem o estatuto da nobreza da razão teórica em sentido estrito. No que se refere a Hegel fica claro o lugar da arte: subordinada ao conhecimento científico, perde seu lugar enquanto manifestação sensível da idéia para a Religião e a Filosofia, e deixa, assim, de ser uma experiência válida e útil¹³ – do mesmo modo, a teoria sobre a arte ou que se sirva da arte enquanto forma de exposição. Com o declínio da arte ocorre o declínio do estudo da arte e das experiências a ela afins. Se a experiência conceitual da arte depende da experiência que se tem com a razão, não fosse a concepção de uma dialética negativa seria impossível a construção da Teoria Estética, pois a teoria em seu sentido tradicional existe sempre com a intenção de chegar a resultados claros e comprováveis ao estilo mais radicalmente cartesiano, o que se distancia do que é possível acontecer na arte. Foi necessário conhecer a Dialética Negativa que atua no interior da Teoria Estética enquanto movimento da identidade e da não-identidade, que não chegam a um consenso obrigatório. Este movimento é o que se pode chamar parataxe.¹⁴ Ela funciona nos textos adornianos como uma crítica ao princípio de identidade que obriga à síntese. Se a dialética ne-

¹¹ Em Nietzsche a razão é arte, da mesma forma o conceito como manifestação sua. Ver *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn*. Werke, B. 6, p. 309. München/Wien: Carl Hanser, 1980.

¹² ADORNO, T. W. *Negative Dialektik*. "Die Utopie der Erkenntnis wäre, das Begrifflose mit Begriffen aufzutun, ohne es ihnen gleichzumachen". p. 21.

¹³ Ver *Vorlesungen über die Ästhetik*. Frankfurt (M): Suhrkamp, 1990.

¹⁴ Ver BERG, Gerhard van den. *Adornos philosophisches Deuten von Dichtung. Ästhetische Theorie und Praxis der Interpretation: Der Höderlin-Essay als Modell*. Bonn: Bouvier, 1989.

gativa é uma dialética que não força a síntese, do mesmo modo verifica-se o procedimento frase a frase tomado por Adorno na *Teoria Estética*, quando cada proposição exige uma proposição tão outra que por vezes confunde a anterior. Adorno, no texto sobre Hölderlin, fala nas parataxes como "desordens artísticas que se esquivam à hierarquia lógica da sintaxe subordinativa".¹⁵ Isso ocorre em função de Adorno estar sempre correndo atrás do plural da verdade, a verdade de um lado e de outro. Por isso a Teoria Estética é construída de modo paratático. A parataxe é construção dialética radical, construção que não exige a explicitação conceitual e autoexplicativa tão cara aos textos científicos. Nela, uma frase pode remeter indiretamente a outra, ou nem sequer remeter, a mediação está no mediato, em lugar de estabelecer conexão.¹⁶ A parataxe é, ainda, anti-discursiva. Adorno se refere a ela como "dem Diskursiven entgegengesetzte Prinzip".¹⁷ Este procedimento formal diz muito sobre o conteúdo que ela veicula, pois a forma expõe um conteúdo. O "como" é um "quê". Portanto, a forma anti-sintética expõe a "revolta paratática contra a síntese".¹⁸ Ainda, ao não ser mais discursivo, Adorno segue o caminho de uma forma de compreensão outra que não é mais a do *erklären* da tradição.¹⁹ Sem deixar esta de lado, coloca-as em diálogo. Não se trata de fuga da razão, mas de possibilitar uma relação não-dominadora do não-idêntico, do ostracizado, do outro com o conteúdo da tradição do pensamento.

Pensar a relação entre *Teoria Estética* e *Dialética Negativa* é mais do que considerar duas obras, uma frente à outra. É avaliar duas concepções teóricas que tentam ultrapassar a própria condição da teoria. Mas ultrapassar, superar, suprassumir, se for levada em conta a *Aufhebung* alemã, sempre se refere a uma negação determinada, ou seja, é preciso conservar a validade da teoria, o seu caráter de verdade, ao mesmo tempo relevando seu caráter de mentira, sua falsidade. Assim como a arte e a teoria sempre tiveram a si mesmas como objeto, a questão agora é colocar uma frente à outra e frente a si mesmas, não mais como objetos, mas como sujeitos. A consequência disto é uma perspectiva outra. A teoria não pode deixar de ser totalmente teórica, nem nunca poderá ser apenas teórica, pois não há uma razão pura, há sempre o algo, enquanto resíduo metalógico²⁰ atuando no meio do pensamento. Mas o próprio Adorno, seguindo a Teoria Crítica de M. Horkheimer,²¹

¹⁵ ADORNO, T. W. "Parataxis. Zur späten Lyrik Hölderlins". In *Noten zur Literatur III*. Frankfurt (M): Suhrkamp, 1971, p. 185. *Notas de Literatura*. Trad. Celeste Aida Galeão. SP: Tempo Brasileiro, p. 100. "fallen als kunstvolle Störungen Parataxen auf, welche der logischen Hierarchie subordinieren der Syntax ausweichen".

¹⁶ *Op. cit.* p. 187-188. "Vermittlung wird ins Vermittelte selbst gelegt anstatt zu überbrücken".

¹⁷ *Op. cit.* p. 194.

¹⁸ *Op. cit.* p. 191. "Die parataktische Auflehnung wider die Synthesis hat ihre Grenze an der synthetischen Funktion von Sprache überhaupt".

¹⁹ Sobre a célebre distinção entre *erklären* e *verstehen* ver GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Metodo*. Salamanca: Sígueme, 1977.

²⁰ Sobre isto ver o parágrafo intitulado "Unauflöslichkeit des Etwas". *Negative Dialektik*, p. 139. "Das Etwas als denknöwendiges Substrat des Begriffs, das dessen vom Sein, ist die dusserste, doch durch keinen weiteren Denkprozess abzuschaffende Abstraktion des mir Denken nicht identischen Sachhaltigen; ohne das Etwas kann formale Logik nicht gedacht werden".

²¹ Ver "Teoria tradicional e teoria crítica". In *Os Pensadores*. V. Horkheimer e Adorno. SP: Nova Cultural, 1989, p. 31.

transforma o sentido da teoria ao falar de uma teoria enquanto praxis.²² A Teoria Estética, neste sentido, é práxis, enquanto junção entre teoria e prática, ela é uma forma de teoria crítica da teoria tradicional que se quer apenas teoria e pretende nisto estabelecer sua verdade inabalável. A Teoria Estética é ao mesmo tempo forma dialética de exposição filosófica do pensamento, do saber. Aí se evidencia mais uma vez sua relação com uma dialética negativa na medida em que esta é corolário avançado do projeto exposto na Teoria Crítica.²³ Em resumo, Dialética Negativa e Teoria Estética são formas sob as quais se expõe o avanço da Teoria Crítica. Na Teoria Estética está a liberdade da forma filosófica alcançada na tentativa formal de revitalização do mimético que ela promove e que não estava de tal maneira explícita na dialética negativa, nem em nenhuma outra obra de Adorno.

²² *Ästhetische Theorie*, p. 26.

²³ Ver também *Teoria Crítica: uma documentação/Máx Horkheimer*. Trad. Hilde Cohn. SP: Perspectiva, EDUSP, 1990.